

O EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS E SUA FORMAÇÃO CONTINUADA

Carla Daiane Saraiva; UERN; carla.daianes@hotmail.com

Francisco Canindé da Silva; UERN; canindesilva@uern.br

Palavras-chave: Educador de EJA. Formação Continuada. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O estudo buscou entender quem é o educador de jovens e adultos de uma instituição da rede estadual de ensino do município de Itajá/RN e de que maneira os processos de formação continuada contribuem para o exercício de sua prática docente. O trabalho é resultado das indagações que surgiram nos encontros semanais do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA), vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado de Assú/RN, e do projeto de pesquisa de mestrado, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Para o alcance do objetivo desse estudo, tomamos as *entrevistas recursivas* como percurso metodológico, pois compreendemos a partir de Silva (2016) que as entrevistas recursivas permitem que as emergências do viver cotidiano se manifestem mais amplamente e se traduzam como conhecimentos válidos. Nesse sentido, inferimos que essa possibilidade metodológica que assumimos rompe com as estruturas verticalizadas de se fazer pesquisa, pois se trata de uma conversa aberta em que os sujeitos cotidianos trocam olhares e experiências com o objetivo de construir conhecimento.

Os parceiros envolvidos foram duas professoras da modalidade EJA, uma gestora e uma coordenadora pedagógica. As entrevistas recursivas aconteceram do dia 22 a 25 de novembro de 2020 e foram pré-agendadas em dia, horário e local (aplicativo web) escolhidos pelos parceiros da pesquisa. Informamos ainda, que essas vozes capturadas foram gravadas em dispositivo eletrônico mediante autorização das entrevistadas para posteriormente serem ruminadas.

DESENVOLVIMENTO

Com a escuta sensível feita a partir dos relatos obtidos, foi possível capturar/compreender que as professoras entrevistadas entraram na modalidade EJA da instituição pesquisada, sem terem certa clareza do que significava. As motivações que as trouxeram à Educação de Jovens e Adultos foram pessoais, tais como a necessidade de ampliar seu salário básico com outra jornada de trabalho, mais para garantir sua subsistência, ou ainda pelo desencanto com a escola pública, em busca de um lugar onde seja “mais fácil”⁸⁵ aguardar pela aposentadoria.

Compreendemos com Paiva (2012), que essa não é uma realidade isolada no Brasil. No entanto, a pesquisadora em Educação de Jovens e Adultos também anuncia que grande parte desses professores que assumem salas de EJA com essas motivações iniciais, se veem depois reconhecidos na modalidade, o que faz com que sua autoestima seja recuperada e se sintam valorizados enquanto professores pelos próprios alunos.

Embora essa seja uma realidade em desenvolvimento, essas profissionais também se confessam perdidas, isoladas, desconhecendo concepções, formulações e possibilidades para se trabalhar com os jovens e adultos, colaborando para o que entendemos ser uma fissura ao processo de formação continuada docente, pois remete a ideia do inacabamento humano e do aprendizado por toda a vida. É importante frisarmos, que as professoras que se admitiram estar perdidas e isoladas, preocupavam-se com um novo público que tem adentrado nessa modalidade da educação, sujeitos jovens, cada vez mais jovens, adolescentes em sua maioria, e portanto, elas se sentiam despreparadas para atender as necessidades, que são muito específicas, desse novo público.

Nesse ponto, percebemos nas narrativas uma situação-limite (FREIRE, 1983) a ser superada: a ausência de conhecimentos e reflexões específicas em EJA, possibilitando um inédito-viável a formação continuada como um caminho de *fazer com*⁸⁶, mediando saberes, conhecimentos e práticas pedagógicas que os educadores desenvolvem em seu cotidiano.

⁸⁵ Termo usado por uma das entrevistadas.

⁸⁶ Esse é um termo usado por PAIVA (2012) e se refere a pensar os processos de formação continuada com os professores a partir de seu viver cotidiano, de suas vivências e experiências dentro da escola pública de EJA.

Com o estudo, identificamos uma tentativa de adequação dos processos de formação continuada da EJA ao Ensino Fundamental, tendo em vista que os professores são os mesmos que atendem crianças e adolescentes no turno diurno. Segundo Pierro (2014), essa estratégia pode ser interpretada como prejudicial se pensarmos que esse novo público da EJA é oriundo do Ensino Fundamental que já fracassou com eles antes.

Nesse sentido, pensar uma formação continuada que busque adequar a EJA a essa outra modalidade da educação básica é negar que o direito a aprendizagem se perpetue na vida desses jovens e adolescentes, e isso atesta nossa frágil capacidade de assumir a diversidade, os diferentes, optando por traduzir essas diferenças em mais desigualdades.

Observamos ainda, a necessidade de reconfigurar o olhar sobre os processos de formação continuada dentro da escola pública de EJA. Isso porque, nas narrativas capturadas, esse processo de formação docente está atribuído a pacotes e programas que vem de fora para dentro da instituição para serem consumidos pelos professores, tais como, cursos de capacitação ofertados por instituições privadas, dentre outros. Essa ideia de formação docente linear reforça o princípio de uma educação classificatória e excludente que está inscrita no paradigma dominante da modernidade (SANTOS, 2009).

A partir dessa compreensão, os professores formadores podem tomar o saber que emerge do ato educativo, aquele intitulado de comum, como um valor que amplia e norteia os processos de formação em rede, ou *rizoma* (DELEUZE; GUATTARI; 2011). Aceitar como válidos os saberes ordinários resultantes das práticas e experiências dos sujeitos não significa defender que a escola se torne lugar de veridicções, antes, é possibilitar aos sujeitos assumir o lugar de anunciadores e denunciadores do mundo (FREIRE, 1983). É reconhecer que os diversos sujeitos da escola produzem em seus cotidianos *conhecimentossignificações* (SILVA, 2016) que dialogam, problematizam, tencionam e complementam aqueles que são produzidos nas universidades, rompendo com o paradigma da árvore de conhecimento.

CONCLUSÕES

Constatamos que mesmo com a crescente visibilidade da EJA, considerando-a uma modalidade de educação popular, ainda não existe efetiva demanda para a formação específica do educador que atua com esse público, levando seus professores a se sentirem perdidos, isolados e despreparados dentro da modalidade da educação.

Entendemos que os professores da EJA precisam ter ciência do que é essa modalidade, do que ela representa, conhecer seu público, conhecer os documentos e as concepções que a norteiam, e então, conseguir propor mudanças em seus cotidianos escolares. Esse “não conhecimento” pode revelar uma lacuna na formação inicial e implica na necessidade de uma formação continuada heterogênea, que permita aos educadores da EJA interpretar e conceber aspectos da realidade para agir de maneira crítica-reflexiva em relação a eles.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite. “Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo”. *In*: ALVES, N. e GARCIA, R.L. (orgs.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: editora 34, 2011. 128 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PAIVA, Jane. Formação docente para a educação de jovens e adultos: o papel das redes no aprendizado ao longo da vida. **Revista da FAEEDBA: educação e contemporaneidade**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I, v. 21, n. 37, jan./jun. 2012.

PIERRO, Maria Clara Di. Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos. 01 de Maio de 2014. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/114/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos> Acesso em: 16/03/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Francisco Canindé da. Práticas pedagógicas cotidianas da EJA: memórias, sentidos e traduções formativas. **Tese** (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2016. 208 f.